

## *As lutas políticas dos congadeiros<sup>1</sup> da cidade de Oliveira (MG), 1950-2009*

Fernanda Pires<sup>2</sup>

Recebido em junho de 2013;  
Aprovado em julho de 2013.

### **RESUMO**

O objetivo deste artigo é analisar as lutas políticas enfrentadas, ao longo dos anos, pelos participantes da festa do Congado da cidade de Oliveira (MG). Em meio a proibições e permissões os descendentes de escravos lutaram e ainda lutam para conseguirem manifestar sua devoção à Nossa Senhora do Rosário e aos santos padroeiros pelas ruas da cidade e também conquistar o respeito da população local à sua expressão cultural. Nesse sentido, a luta política dos congadeiros pode ser evidenciada através de diferentes ações como a conquista de espaços públicos de Oliveira, considerados por eles, como sagrados e que fazem parte da história de seus antepassados, e contra as discriminações raciais.

**Palavras-chave:** Congado; afrodescendentes; lutas políticas; racismo.

### **ABSTRACT**

The main objective of this article is to analyze the political struggle faced by the Congado Celebration in Oliveira (MG) throughout the years. Coerced between prohibitions and permissions, the descendants of African slaves have fought and still fight for their right to manifest their devotion to Our Lady of the Rosary and the patron saints along the streets of their town and also to win the respect of the local population for this cultural expression. In this sense, the political struggle faced by the Congado can be seen through different actions, like the conquer of Oliveira's public spaces - that are considered by them as sacred and part of their ancestral history - and against racial discrimination.

**Keywords:** Congado; african descendant; political struggle; racism.

---

<sup>1</sup> Os participantes da festa do congado da cidade de Oliveira se autodenominam congadeiros ou negros do Rosário.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós Graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e mestre em História pela mesma instituição. Atualmente é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Esse artigo é resultado das investigações realizadas pela autora durante o mestrado.

Há algum tempo as festas populares têm sido objeto de interesse de diversas áreas do conhecimento. Porém, muitas dessas pesquisas se inserem em uma ótica folclórica e antropológica que enfocam suas investigações no caráter imutável das manifestações culturais e não priorizam os sujeitos sociais que as praticam. Algumas historiadoras, como Maria Clementina Pereira da Cunha e Martha Abreu, sugeriram novas leituras para analisarmos as festas. Sob o ponto de vista dessas autoras, a festa é um dos caminhos que podem ser usados pelos historiadores para investigarem os conflitos entre os agentes sociais, os significados do ritual e como os participantes podem manifestar nas festividades suas identidades, suas dores, revoltas, alegrias e protestos. (ABREU, 1999; CUNHA, 2002). Clementina em *Carnavais e outras F(r)estas. Ensaio de História Social da Cultura* não possui um interesse exclusivo pelos segmentos sociais de “baixo” da hierarquia social, abrange também o estudo das relações de classe, gênero e etnia (CUNHA, 2002).

As reflexões propostas pelas referidas historiadoras são fundamentais para o presente trabalho, pois é com essa perspectiva histórica que a análise sobre o Congado da cidade de Oliveira, em Minas Gerais, será encaminhada. Nesse sentido, compreendo que as festas populares são um importante caminho para analisarmos a construção de identidades, os conflitos sociais, os diálogos que se operam entre os “de cima” e os “de baixo” e um canal de reivindicação política para os agentes que a praticam<sup>3</sup>. Deve-se salientar que o diálogo entre os diferentes agentes sociais foi e é um processo “tenso e intenso” (CUNHA, 2002, p. 17), onde ocorreram e ocorrem avanços e recuos.

Oliveira está situada no interior de Minas Gerais, a sudoeste do estado e dista, aproximadamente, cento e sessenta quilômetros de Belo Horizonte. Lá acontece desde o período escravocrata, no mês de setembro, a Festa de Nossa Senhora do Rosário, também conhecida como Congado<sup>4</sup>, cujo início, no entanto, não se pode precisar. O que se tem é o primeiro estatuto da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, de 1860, a qual a festa está vinculada.

No Brasil colônia e império muitas foram as maneiras encontradas pelos escravos de resistirem à escravidão, ora negociando<sup>5</sup> com seus senhores, ora entrando em conflito com os

---

<sup>3</sup> Ressalto ao leitor que o objetivo desse trabalho não é analisar os múltiplos significados que a festa possui para os congadeiros e a construção de suas identidades, pois é uma temática complexa e extrapolaria os limites da presente investigação. Sobre essa questão ver: PIRES, Fernanda. *Os negros do Rosário: Memórias, Identidades e Tradições no Congado de Oliveira (1950-2009)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, 2010.

<sup>4</sup> Atento ao leitor que na cidade de Oliveira o congado e a Festa de Nossa do Rosário são considerados sinônimos pelos seus participantes. Porém, em diversas outras comunidades essa relação não é estabelecida.

<sup>5</sup> Utilizo o conceito de negociação a partir da análise de João José Reis e Eduardo Silva que consideram que as relações entre senhores e escravos eram baseadas em negociações e conflitos. Para os autores “ao lado da sempre

mesmos, de acordo com a conjuntura política (REIS; SILVA, 1989). Na luta por conseguirem espaços de autonomia, os escravos e os libertos fundaram irmandades religiosas que eram um local onde criavam laços de solidariedade e sociabilidade. Segundo Célia Borges, o número de irmandades formadas em Minas Gerais neste período foi expressivo, e as em devoção à virgem do Rosário foi uma das mais significativas (BORGES, 1998). Para além dos laços criados entre seus integrantes, estes constituíam ali suas vivências religiosas e resignificavam suas tradições africanas. É, pois, a partir da criação das irmandades religiosas do período colonial e imperial que ainda hoje se pode localizar, a grande maioria das festas do Rosário em Minas Gerais.

Os congadeiros de Oliveira no momento da festividade rememoram e recriam as suas origens africanas, relembam o passado escravista, homenageiam seus santos de devoção, em especial à Nossa Senhora do Rosário, e coroam seus reis e rainhas, em destaque, o rei congo representante de Chico Rei<sup>6</sup>.

A história do Congado oliveirense perpassa momentos em que as autoridades eclesiásticas e do poder público o reprimiram, mas em outros períodos, liberavam a licença para o festejo, dependendo das nuances da conjuntura política. Entre repressões e autorizações vivenciadas pelos ex - escravos e seus descendentes, o festejo ainda hoje continua presente na comunidade.

Esse ensaio privilegiará discutir os indícios localizados entre os anos de 1950 e 2009 a cerca dos conflitos entre a cidade letrada e os congadeiros, especialmente, a luta dos

---

presente violência, havia um espaço social que se tecia tanto de barganhas quanto de conflitos” (REIS; SILVA, 1989. p.7) e que a negociação não produziu relações harmoniosas entre os agentes sociais citados. O presente trabalho não se enquadra no período escravista, entretanto aproprio-me do conceito dos autores para o período do pós-abolição por defender que as relações raciais entre descendentes de escravos e outros segmentos da sociedade brasileira ainda são desiguais, ainda que avanços tenham sido obtidos. E como será demonstrado ao longo da presente pesquisa as relações entre os congadeiros e as autoridades civis e eclesiásticas são marcadas por conflitos e negociações, com continuidades e descontinuidades, e avanços e recuos.

<sup>6</sup> Entrevistas realizadas pela autora com congadeiros e moradores da cidade entre os anos de 2007 e 2009, nas cidades de Oliveira e Belo Horizonte. A partir dos depoimentos obtidos em Oliveira, os reis congos são os donos da festa, relembam todo sofrimento, resistência e vitória de seus antepassados africanos. A capitã Pedrina em seu livro afirma que a história de Chico Rei no Brasil Colônia se inicia quando Galanga – rei do Congo – foi vendido com sua família como escravo. Durante a travessia, sua esposa - Rainha Djalô – e sua filha Itulú morreram. Ao chegar ao Brasil, Galanga, agora Francisco, e seu filho foram vendidos para o Major Augusto de Andrade Góis e foram trabalhar na fazenda de seu senhor que ficava em Vila Rica. Conta a história que Chico Rei trabalhava arduamente e em cinco anos conseguiu comprar a sua alforria e depois libertou mais trinta e cinco negros cativos, inclusive seu filho. A reputação de Francisco logo chegou ao conhecimento dos outros escravos da região, ganhando o nome de Chico Rei. Ele inscreveu-se na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Antônio Dias, e no dia 6 de janeiro de 1747 fez uma festa com seus amigos alforriados onde apareceram fardados como no Congo. Assim essa festa ficou conhecida como Congado do Rosário, onde elegiam reis e rainhas do Rosário. A história de Chico Rei não está presente somente na memória dos atuais congadeiros. Carolina Dantas ao analisar a revista Kosmos localiza um registro de Mario Behring, onde o autor explora o martírio de Chico Rei desde sua captura até a fundação da Igreja do Rosário em Vila Rica. Ver: DANTAS, 2007.

participantes para celebrarem a missa no interior de uma igreja, a realização das coroações dos reis e rainhas congos na Praça XV de Novembro- local considerado nobre - e a luta contra o preconceito racial. Angel Rama considera que a cidade letrada “compunha o anel protetor de poder e o executor de suas ordens: uma plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e múltiplos servidores intelectuais. Todos que manejavam a pena...” (RAMA, 1985, p.43). A ideia de Rama é basilar para essa investigação, pois considero que os agentes eclesiásticos, do poder público e o jornal local, *Gazeta de Minas*, da cidade de Oliveira exerciam o poder e determinavam normas a serem seguidas pelos demais agentes sociais assim como expressavam suas opiniões em relação aos participantes da festividade, constituindo, assim, a cidade letrada. Entretanto, deve-se salientar que a cidade letrada oliveirense não era homogênea, existiam diferentes perspectivas entre seus pares.

As fontes foram pesquisadas no jornal local denominado *Gazeta de Minas*. Foi fundado em 4 de setembro de 1887 pelo português Antônio Fernal e até o ano de 1889 chamava-se *Gazeta de Oliveira*. Em 1947, o jornal foi doado à diocese e ficou sob seus auspícios por quarenta anos, quando em 1987 foi vendido a um particular, e assim desvinculou-se da Igreja Católica oliveirense (FONSECA, 1961, p. 241). Esse histórico do jornal é relevante, pois entre os anos de 1947 até 1987, por pertencer à diocese, tornou-se um importante veículo de difusão de suas ideias e valores, e desse modo, será considerado nessa pesquisa como uma fonte para auxiliar a reconstrução da relação entre congadeiros e representantes eclesiásticos.

Foram também realizadas entrevistas com os participantes da festa, autoridades eclesiásticas e do poder público. Nesse trabalho, foi necessário fazer algumas escolhas quanto às fontes utilizadas, devido à grande quantidade de material possível a ser analisado, já que a Festa de Nossa Senhora do Rosário envolve uma expressiva quantidade de pessoas e em 2009 chegava a cerca de novecentos integrantes que participavam diretamente além do público envolvido.

Nesse sentido, optei por delimitar essa pesquisa a partir do quartel/terreiro – local de onde saem os ternos<sup>7</sup> para buscar reis e rainhas – dos capitães<sup>8</sup> Antônio Eustáquio e Pedrina Lourdes dos Santos, denominado *Leonídios*. O nome é uma homenagem a um antigo capitão, Leonídio dos Santos, que é pai e avô dos atuais capitães desse terreiro. Essa escolha se deve,

---

<sup>7</sup> Terno ou guarda é um grupo de dançadores que tem seu capitão, podendo ser mais de um, o meirinho que é a pessoa que carrega água e alimentos para todos do grupo. Cada terno tem suas características próprias: histórias e instrumentos que demarcam sua posição no cortejo e a função no ritual congadeiro. Em Oliveira existem quatro diferentes ternos, o Catopé, Congo, Moçambique e Vilão.

<sup>8</sup> Capitão de terno ou guarda é a pessoa que comanda um grupo de dançadores, ele é o responsável por cantar as músicas que são específicas para cada situação do ritual.

fundamentalmente, a três fatores: a diversidade de ternos que saem desse quartel (Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Congo de Nossa Senhora do Rosário), a forte consciência do significado político da festa e por seus familiares participarem há muitas gerações dos festejos congadeiros.

Assim, foram realizadas entrevistas com os capitães Antônio Eustáquio dos Santos e Pedrina Lourdes dos Santos, com seus filhos e sobrinhos, que hoje também comandam seus ternos: Ester Antonieta, Washington Luiz, Carlos Tadeus e Kátia Aracelle; com a esposa de Sr Antônio Eustáquio, Dona Lúcia, que é a bandeira<sup>9</sup> do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês e a mordoma<sup>10</sup> da bandeira de Nossa Senhora das Mercês: Maria Luisa Pereira.

Integrantes do Estado-Maior e da Diretoria da Associação dos Congadeiros de Oliveira (ACOL), que comandam a festa, também foram entrevistadas: Heloisa Helena Maurício e seu irmão, Geraldo Bispo dos Santos Neto.

Visando compreender a relação dos congadeiros com a cidade letrada entrevistei dois representantes eclesiásticos - Padre Nilson e o atual bispo, Dom Miguel- assim como cinco ex-prefeitos - João Haddad, Emílio Haddad, Paulo Resende, Benjamim Constant e Ronaldo Resende.

As entrevistas foram realizadas após a leitura de trabalhos sobre o Congado e que contemplavam diversos de seus aspectos assim como a análise de algumas matérias publicadas no jornal local, no intuito de formular um roteiro de perguntas a serem feitas com os depoentes. Inicialmente para os congadeiros foram elaboradas indagações sobre o ritual, a relação com os representantes da cidade letrada e o preconceito racial. Alguns congadeiros foram entrevistados mais de uma vez, duas ou três vezes, devido ao significativo depoimento dado anteriormente e ao surgimento de novas questões com o decorrer da pesquisa. Com os eclesiásticos e prefeitos os questionamentos voltaram-se mais para a relação que mantinham com a festa e com seus participantes.

Seguindo os rastros dos conflitos entre os congadeiros e os representantes da cidade letrada oliveirense pretende-se fundamentalmente compreender os anseios dos populares e como eles usam e abusam das lutas do passado nas demandas do presente.

---

<sup>9</sup> Bandeira é a pessoa que vai a frente de cada terno com a bandeira do santo homenageado daquele terno.

<sup>10</sup> Mordoma é a pessoa que guarda a bandeira que é erguida nos mastros durante o ano.

## OS EMBATES ENTRE OS CONGADEIROS E AS AUTORIDADES.

Desde o período escravista até o ano de 1929 a Festa do Rosário, de acordo com os depoimentos dos atuais congadeiros, dos antigos moradores da cidade e de notícias publicadas no jornal local- *Gazeta de Minas*-, era realizada no interior da Igreja da irmandade, conhecida como Igreja do Rosário. Os reis festeiros, as pessoas que arcavam com as despesas da festa, eram ali coroados assim como os reis congos, representantes da histórica figura de Chico Rei.

Porém, em 1929, a antiga Igreja do Rosário foi demolida e outra construída em seu lugar, hoje chamada de Igreja de Nossa Senhora de Oliveira. Este fato levou os congadeiros a reestruturarem sua festividade e está diretamente relacionado aos embates com os representantes eclesiásticos e da Prefeitura Municipal sobre celebração da missa no interior da igreja e a saída da festividade do local considerado nobre da cidade, já que a referida igreja situava-se nessa localidade, como será analisado (GAZETA de Minas, 29 abr. 1991).

Entretanto, antes de adentrar propriamente na problemática proposta, proponho recuar no tempo, pois é necessário a fim de melhor compreender a relação social entre os participantes da festividade e as autoridades do momento anterior a 1950, já que determinadas reivindicações atuais estão intimamente vinculadas a esse passado.

Nas primeiras décadas do século XX as reportagens da *Gazeta de Minas* indicam que havia uma proibição diocesana ao Congado assim como nas entrevistas realizadas com os atuais participantes da festividade. A matéria publicada na Gazeta em 20 de outubro de 1918 corrobora essa afirmação:

Não obstante o clamor bradado contra o cerimonial do congo pelas nossas ruas, *apesar da proibição diocesana que não ficou insensível aos rogos dos negros daqui* ainda este ano realizou-se o Congado. Durante três dias viu-se Oliveira dominada por uma *algaravia ensurdecedora* partida dos terços dos negros que saracotearam danças litúrgicas, de *um bárbaro e horripilante ritual hotentótico* ou de Moçambique(GAZETA de Minas, 20 out. 1918, grifo nosso).

A reportagem evidencia que apesar da proibição ao Congado, as autoridades permitiram que ele acontecesse. Os participantes da festividade, provavelmente, negociaram para conseguirem a autorização para manifestar sua devoção nas ruas da cidade, o que demonstra o diálogo estabelecido entre os diferentes agentes sociais. Essa matéria ressalta ainda características negativas dos festejos dos negros. Ao que tudo indica, o impedimento veio acompanhado da desvalorização do Congado e de seus integrantes.

Elizabeth Kiddy, historiadora norte-americana, analisou em sua pesquisa de doutoramento as Festas do Rosário da cidade de Oliveira e da comunidade do Jatobá, situada na região metropolitana de Belo Horizonte e nos ajuda a esclarecer algumas questões sobre a proibição diocesana. A autora localizou uma matéria publicada pelo jornal oliveirense do ano de 1887, de autoria de Mestre Venâncio, onde ele afirma que tinha simpatia pela festividade e a elogiava. Porém, segundo Kiddy a reportagem “não deixava de dar voz às correntes ideológicas, cada vez mais presentes no pensamento social brasileiro de finais do século XIX” (KIDDY, 2001, p. 101).

Segundo a autora, essa voz aparecia de uma forma sutil, e Mestre Venâncio utilizou-se da retórica e logo ao final de seu texto afirma: “Não seria por ventura melhor omitir das solenidades as danças dessa gente assim vestida, reservando tão somente o culto religioso, devido a Virgem Maria, a quem também muito venero?” (KIDDY, 2001, p. 101). Apesar do posicionamento de Mestre Venâncio, a autora defende que naquele momento, a Festa do Rosário na cidade de Oliveira era respeitada pela comunidade, justificando tal fato por uma investigação que realizou em jornais de outras cidades, no mesmo período, e o de Oliveira era o único a abordar a festividade.

Porém, esse posicionamento do jornal, segundo a historiadora, modificou a partir da Primeira República, mais especificamente após o ano de 1909. Nesse momento, de acordo com a autora, teriam se acirraram as críticas a essa expressão cultural, o que teria contribuído para o crescimento entre os governantes de um sentimento contrário as Irmandades do Rosário, levando-os a reprimir essas organizações e as festividades a elas vinculadas (KIDDY, 2007, P.405). A reportagem acima citada data do ano de 1918 sendo, assim, posterior ao marco cronológico proposto por Kiddy, no que se refere à desvalorização da festividade, e desse modo, corrobora sua hipótese.

Kiddy afirma que o primeiro arcebispo de Mariana, D. Pimenta (bispo de 1897-1922), concedeu as irmandades um importante lugar no catolicismo, mas elas, não poderiam, por exemplo, utilizar seus recursos para fins profanos. Naquele momento, a diocese oliveirense era ligada a de Mariana<sup>11</sup> e a autora defende a hipótese que mesmo que o arcebispo não tenha

---

<sup>11</sup> A diocese de Oliveira integrou a Arquidiocese de Mariana até o ano de 1921, quando foi criada a de Belo Horizonte, tendo como bispo Dom Antônio dos Santos Cabral. A partir de então passou a fazer parte da diocese da capital mineira. Apenas em 1941 foi criada a de Oliveira, desvinculando-se assim de Belo Horizonte. Em 1945, Dom José Medeiros de Leite, seu primeiro bispo, assumiu o cargo até o ano de 1971, quando se afastou por motivos de saúde, vindo a falecer em 1977. Entre as suas atividades como bispo está a participação nas quatro fases do Concílio Ecumênico Vaticano II entre os anos de 1962 e 1965 e a direção da *Gazeta de Minas*, porém, a parte religiosa do jornal era de responsabilidade do Monsenhor Leão, vigário de Oliveira. Ver: (PIRES, 2010).

tomado medidas concretas para o cerceamento do Congado o seu posicionamento pode ter contribuído para o impedimento divulgado na reportagem de 1918 (KIDDY, 2001).

Além da proibição publicada em 1918, reportagens do jornal dos anos de 1923 e 1925 (GAZETA de Minas, 04 out. 1925, p.1), já sob as ordens do bispo da capital mineira- D. Cabral-, voltaram a essa temática. Entretanto, só foi localizado um documento com uma ordem direta do bispo, datado do ano de 1927 e intitulado *Carta Pastoral – Determinações das Conferências Episcopais de 1927*. O então bispo de Belo Horizonte, Dom Antônio dos Santos Cabral, fez uma declaração sobre os Reinados, como também é conhecido o Congado. Conforme o documento: “Lamentamos que não tenham ainda desaparecido totalmente os chamados Reinados ou Congados que põem quase sempre uma nota humilhante nas festas religiosas”<sup>12</sup>.

Entre os anos de 1931 e 1945 foi possível localizar apenas três matérias na *Gazeta de Minas*, sendo que duas estão expressas abaixo. Em 12 de setembro de 1931, o jornal local afirma que: “Realizaram-se este ano, nesta cidade os festejos em honra a N.S. do Rosário e N.S das Mercês, com os reinados e danças que *já haviam sido abolidas* nesta cidade há muitos anos” (GAZETA de Minas, 12 set. 1931, p.1). Assim como no ano de 1945:

*Voltaram este ano, a alegrar as ruas da festa das Congadas há tempos esquecidas e que é uma tradição do interior mineiro* devido a vinda de Chico Rei e sua tribo para as cercanias de Ouro Preto, nos tempos coloniais (GAZETA de Minas, 16 set. 1945, p.2, grifo nosso).

Essas duas reportagens deixam claro que tanto a festa antes dos anos de 1931 quanto a festa antes de 1945 pode ter sido interrompida algumas vezes. Note que estas celebrações são posteriores as de 1918 e as da década de 1920 onde se citava a proibição ao festejo por ordem dos bispos. Assim o impedimento das décadas de 1910 e 1920 parece refletir-se nas matérias publicadas nos anos seguintes.

Ressalto que a matéria transcrita acima não atribuiu a festividade e aos seus participantes características negativas ou preconceituosas, inclusive, a considera uma tradição de Minas Gerais e que alegra a cidade. O período da matéria acima é do governo de Getúlio Vargas, presidente que comandou diversas iniciativas culturais no país que tinham como objetivo construir a identidade brasileira e para isso recorreu às tradições, religião e línguas do povo (GOMES, 1996). Deve-se salientar que esse recorte cronológico que confere a Vargas

---

<sup>12</sup> Carta Pastoral do Episcopado da Província Eclesiástica de Belo Horizonte, Determinações das Conferências Episcopais de 1927, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1927.

ou então a clássica obra de Gilberto Freyre a recuperação dos negros, mestiços e de sua cultura na construção da identidade nacional é contestada por pesquisas mais recentes.

Para as historiadoras Martha Abreu e Carolina Dantas as tradições populares dos descendentes de africanos foram temas de interesse dos intelectuais ainda na Primeira República. Elas defendem que entre o final do século XIX e início do XX a produção dos folcloristas reconhecia e valorizava a presença dos descendentes de africanos na jovem nação, mesmo que, em alguns momentos, reproduzissem em seus relatos visões preconceituosas e negativas. Segundo as autoras, a historiografia comumente atribui a esse período o predomínio das teorias de branqueamento, as políticas imigracionistas e o desejo de esquecer o passado africano e negro, entretanto elas, em suas pesquisas, propõem que outras mediações eram possíveis de serem constituídas (ABREU; DANTAS, 2011).

Nesse sentido, o posicionamento da matéria publicada em 1945 pode ser originário de um processo que vinha ocorrendo desde a Primeira República. Atento para o fato de que não faço uma relação direta de uma única matéria publicada no ano de 1945 pelo jornal local ter sido influenciada pelas ideias apregoadas durante a Primeira República e pelo governo Vargas. O posicionamento da matéria de 1945 sobre o Congado é singular, predominando nesse período muito mais as críticas do que uma visão positiva sobre a festividade. Essa reportagem também demonstra que existiam diferentes posicionamento e opiniões compondo a cidade letrada daquele momento.

As memórias dos entrevistados e das outras fontes pesquisadas, como o jornal local, indicam que o Congado deixou de acontecer em diversos momentos ao longo dos anos de 1900 a 1950. Entretanto, não podemos afirmar precisamente em quais períodos ele foi paralisado, existem apenas indícios de que ele cessou por alguns anos. O jornal não nos permite maior precisão, até porque poderia tanto noticiar matérias pejorativas quanto nada comentar sobre a festa. E mesmo que não publicasse nenhuma reportagem não quer dizer, necessariamente, que o Congado não acontecesse. Assim, a pesquisa ao jornal e os depoimentos obtidos, evidenciam que ela pode ter sido interrompida por alguns anos. Esse fato pode ser explicado pelo medo da repressão policial, originária da ordem diocesana, à sua festividade<sup>13</sup>.

Entretanto, em outros momentos, apesar da proibição, os congadeiros enfrentaram as ordens do bispo e saíram às ruas da cidade. Dependendo da conjuntura política encontravam brechas para celebrarem sua devoção à Senhora do Rosário ainda que em meio à proibição

---

<sup>13</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

expressa. Essas reportagens também ratificam a minha hipótese de que o Congado nesse momento não acontecia de forma sistemática.

Porém, apesar da alegação da proibição, a festa, de acordo com a memória de todos os entrevistados<sup>14</sup>, “voltou”<sup>15</sup> no ano de 1950. O que se relata é que Sinhá Saffi, mulher branca, pertencente à elite local e apreciadora do Congado, teve uma visão da imagem de Nossa Senhora do Rosário e foi conversar com seu compadre, Sr Geraldo Bispo<sup>16</sup>, que antes dos festejos serem impedidos, era rei congo do Reinado de São Benedito. Juntos interpretaram o fato como um sinal de Nossa Senhora do Rosário para que eles “resgatassem”<sup>17</sup> o Congado em Oliveira. E assim foi feito. Sr Geraldo contactou as autoridades locais e conseguiu a licença para o seu recomeço<sup>18</sup>. Dona Sinhá Saffi e seu marido, Oswaldo, contribuíram financeiramente para a sua realização. Mas o retorno não foi tão fácil quanto parece. É importante ressaltar que essa explicação para a “volta” da festa não é necessariamente a forma como ocorreu, mas é a que está presente no imaginário dos congadeiros, é a maneira como eles leem o seu passado.

Quando o Congado “voltou” a se realizar em Oliveira o posicionamento da cidade letrada continuou o dos anos anteriores a 1950. As matérias pesquisadas no jornal mostram como a *Gazeta de Minas* já se colocava no próprio ano de 1950: “Lembrem-se os Revmos Srs Vigários da proibição dos tais Congados, devendo explicar ao povo o verdadeiro sentido da piedade e devoção ao Rosário, combatendo as superstições e abusos” (GAZETA de Minas, 30 set. 1950, p.2), em uma clara referência ao documento do bispo Dom Cabral e as reportagens noticiadas em 1918 e na década de 1920 também na *Gazeta de Minas*.

Durante as décadas de 1950 e 1960 a *Gazeta de Minas* publicou uma coluna intitulada *Martelando*, de autoria de Zé Canela de Ferro. Especula-se na cidade que o colunista, que utilizava esse pseudônimo, era na verdade o Monsenhor Leão, vigário da cidade. Em 1951, uma matéria noticiada pelo jornal afirma que o Congado deveria ter acabado junto com a

---

<sup>14</sup> Entrevistas realizadas pela autora com congadeiros entre os anos de 2007 e 2009, nas cidades de Oliveira e Belo Horizonte.

<sup>15</sup> Coloquei aspas na palavra “voltou”, porque não posso afirmar se realmente a festa foi paralisada por algum tempo, existem indícios desse fato.

<sup>16</sup> A partir do ano de 1950, Geraldo Bispo dos Santos deixou o cargo de rei congo de São Benedito e passou a assumir a função de capitão-mor até o seu falecimento em março de 1976. Capitão-mor é a pessoa responsável por comandar toda a festividade e seus integrantes.

<sup>17</sup> Utilizo a palavra resgatar, pois os participantes da festividade a utilizam. Não concordo com essa palavra, pois ela passa a ideia de que a festa ao voltar era idêntica a de períodos anteriores, e sabemos que as festas se transformam com o passar do tempo.

<sup>18</sup> Entrevistas realizadas pela autora com congadeiros entre os anos de 2007 e 2009, nas cidades de Oliveira e Belo Horizonte.

escravidão, sendo uma manifestação cultural que deveria ter ficado restrita ao tempo do cativo:

Acabou-se a escravidão. Ficou o reinado. Aquilo era feito como um ato de devoção, entremeados das danças e comedorias abundantes. O povo gostava de ver aquela festança, única na falta de outras. Havia simplicidade. *A fé era mais viva*. Embora houvesse abuso por vez outra, tudo era suportável como uma folgança. Mas, depois vieram mais abusos, o motivo de fé ficou reduzido enquanto crescia a decadência da pureza e da reta intenção. Vieram as bebedeiras, as danças intérminas, os gastos multiplicados, a fartura exagerada de comida... Vieram outros abusos de caráter moral. *Ora, aquilo se tolerava num ambiente de negros escravos e de gente simples e ignorante, porque tinham reta intenção e pretendiam agradar à Senhora do Rosário*. (GAZETA de Minas, 21 out. 1951, p.3, grifo nosso).

Em outro artigo intitulado *O tal do Reinado*, Zé Canela de Ferro faz críticas ao Congado e afirma: “Já não estamos mais na África e a senzala já se acabou!... Será que os tais estão com saudades de escravidão?...” (GAZETA de Minas, 02 dez. 1956, p.3). As matérias expressas acima indicam que, nos anos de vigência da escravidão, os senhores justificavam as folganças dos escravos como um ato de fé, permitindo, assim, suas manifestações culturais, o que demonstra a negociação que era realizada entre esses atores sociais. Entretanto, para o colunista do jornal, a partir do momento em que o cativo foi extinto, o que antes era considerado devoção passou a ser abuso.

Os temas da coluna *Martelando* de Zé Canela de Ferro são sintomáticos de um momento da Igreja Católica, no qual a prática dos sacramentos e do clericalismo era centrada sob a ótica do Vaticano. Esse período é conhecido como romanização e os eclesiásticos tinham como objetivo retirar os elementos que indicavam práticas do catolicismo popular<sup>19</sup>. As matérias publicadas na *Gazeta de Minas* apontam que o jornal veiculava assim o ideal católico, de afastar os representantes da Igreja Católica da cultura afrodescendente, “na purificação do catolicismo popular tradicional seus abusos e superstições” (STEIL, 1996, p 229).

Ao retornar para a análise da festa, as entrevistas realizadas com os congadeiros evidenciam que no primeiro ano ela acontecera no terreno da casa da Sinhá Saffi com poucos ternos e teve somente um ou dois dias de festejo. Com o passar do tempo, o número de guardas e de dias da festa aumentou. Entretanto, entre os anos de 1950 a 1960, poucos rastros foram deixados sobre quais eram as celebrações que ocorriam em meio ao Congado.

---

<sup>19</sup> Entendo como catolicismo popular vivências religiosas que não seguem os preceitos apregoados pela Igreja Católica, embora alguns dos seus elementos estejam presentes. Sobre esse assunto ver: (STEIL, 1996).

Há indícios que assim que a festa “voltou” não houve a celebração da missa. Porém, quando começou a acontecer, provavelmente na década de 1960, não era realizada no interior da Igreja, já que a antiga Igreja do Rosário havia sido demolida e sim em um palanque armado em diferentes lugares da cidade, como na Praça Manoelita Chagas, situado na periferia da cidade, na Praça XV de Novembro, também do lado de fora de diversas igrejas existentes em Oliveira como a do Alto do São Sebastião e posteriormente em seu interior.

A primeira referência localizada sobre a existência da celebração de uma missa durante a festividade foi no ano de 1964 que contou inclusive com a participação do Monsenhor Leão e do prefeito:

As autoridades estiveram presentes Mons. Leão *celebrando Missa Campal* e dirigindo sua palavra sacerdotal, *lembrando aos componentes dos ternos a necessidade de uma vida cristã perfeita*, o dr. Rui Barroso discursando no encerramento e o Sr. Prefeito dirigindo carta de congratulações (GAZETA de Minas, 19 set. 1964, p.1, grifo nosso).

Essa reportagem evidencia que os representantes da cidade letrada se relacionavam com os congadeiros e estiveram presentes na celebração de sua missa. Entretanto existiam limites, o que pode ser mostrado através da recomendação do pároco para que os integrantes da festividade seguissem os preceitos católicos.

Essa missa campal, ou seja, o palanque é armado e a celebração ali ocorre, fora realizada na Praça XV de Novembro. As fontes localizadas não nos permitem concluir que a primeira missa congadeira pós “volta” da paralisação tenha sido essa realizada no local considerado nobre. Outras reportagens do jornal local e a memória dos participantes da festividade indicam que ela não passou a acontecer nesse lugar continuamente. Naquele ano o Congado voltou para o local onde costumava a ocorrer antes da demolição da Igreja do Rosário. Na investigação realizada não foi possível encontrar nenhum documento que comprove alguma reivindicação dos congadeiros para que a missa e sua festa ali fossem celebradas naquele ano. Entretanto, nas entrevistas obtidas com os atuais participantes há a memória sobre a luta de seus antepassados para que a festa ali acontecesse.

Em meio a relações baseadas em conflitos, negociações e resistências, com avanços e recuos, é provável que os antigos congadeiros tenham conseguido no ano de 1964 realizar a missa campal e a festividade no local nobre e que é considerado por eles como o de origem da

Festa do Rosário. É nesse momento, como veremos adiante, que a festa passa a ser realizada na Praça XV de Novembro, mas a missa mudou de lugar constantemente após esse ano<sup>20</sup>.

A *Gazeta de Minas*, na década de 1970 (GAZETA de Minas, 01 set. 1974, p.7), ao divulgar a programação da Festa de Nossa Senhora do Rosário, trouxe uma novidade acerca da missa: ela acontecera no interior da Igreja dos Passos. Pedrina, capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, afrodescendente, com 50 anos, natural de Oliveira, formada em contabilidade e moradora da cidade de Belo Horizonte afirma que, nesse período, os congadeiros entravam na Igreja, mas a celebração era muito rápida, poucas pessoas participavam e não havia elementos que os ajudassem a lembrar da história dos *negros do Rosário*.<sup>21</sup> Segundo a capitã Pedrina:

A época que veio fazendo essa missa há muito tempo seja aqui na Igreja dos Passos. Mas era assim, as nossas caixas tinham que ficar do lado de fora, não entrava não. Aí a missa era às sete horas da manhã. Sete e meia já tinha acabado. Era bem rapidinho, não tinha nenhum canto nosso e ficou muitos anos assim... Aí depois começou a fazer a missa aqui no alto, primeiro campal, introduzindo (...)<sup>22</sup>.

Durante a década de 1980 a solenidade ocorrera do lado de fora da igreja, principalmente da Igreja do Alto de São Sebastião, situada no bairro de mesmo nome e local em que reside a maioria dos congadeiros.<sup>23</sup> Ressalto que no interior dessa igreja há espaço para todos os congadeiros, se ainda levarmos em consideração a reforma por que passou, concluída no ano de 1969<sup>24</sup>. E é nessa igreja que atualmente a missa ocorre e que todos os integrantes da festa entram para participar da celebração. A justificativa do padre Nilson<sup>25</sup> para a missa ser campal naquela época é que o interior da igreja não comportava o expressivo número de congadeiros, como pode se observar na sua afirmativa: “Muita gente. Então é muita gente com os instrumentos e tudo... Celebrava aqui ao lado da matriz de São Sebastião”<sup>26</sup>.

<sup>20</sup> Deve-se salientar que a missa é uma das cerimônias que compõe a festa do Congado e elas não acontecem necessariamente no mesmo espaço físico. No ano de 1964 esses eventos coincidiram.

<sup>21</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em setembro de 2007 na cidade de Oliveira.

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> Entrevistas realizadas pela autora com congadeiros entre os anos de 2007 e 2009, nas cidades de Oliveira e Belo Horizonte.

<sup>24</sup> Tentei conseguir na arquidiocese de Oliveira documentos sobre a reforma da Igreja do Alto de São Sebastião, mas não consegui acesso. Assim baseei-me na entrevista realizada com padre Nilson em setembro de 2008, e também na pesquisa no jornal local, *Gazeta de Minas*, Ano LXXXII, nº 970, 26 de outubro de 1969, p1.

<sup>25</sup> Padre Nilson atuou na diocese de Oliveira entre os anos de 1965 a 1994, depois foi transferido para a cidade de Santo Antônio do Amparo, também em Minas Gerais. Em 2005 retornou para Oliveira e permanece até a presente data.

<sup>26</sup> Entrevista realizada pela autora com Padre Nilson em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

O padre entrevistado não afirma se havia uma proibição formal para os congadeiros entrarem nas igrejas. Contudo, se a igreja tinha espaço por que a missa era realizada do lado de fora? Há evidências de que os integrantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário sempre desejaram que a missa fosse celebrada no interior das igrejas, para lembrar as coroações que aconteciam na antiga Igreja do Rosário. O depoimento do Sr. Antônio Eustáquio afrodescendente, 63 anos, aposentado pela Gerdau, morador de Oliveira e capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, é significativo:

Até nós temos a nossa querida ainda viva Rolinha a Rolinha ela toda vida ela foi uma loira que ela acompanhou muito é nossa festa. (...) Ela cantou, ela cantava quando ela viu que era a missa iria ia ser celebrada na Igreja do Rosário hoje nossa catedral. Ela tava na escadaria de fora ela falou ela falou: Seu pai Leonídio falou uma coisa comigo e hoje estou vendo que o negro bateu, vestiu saia na porta de aruanda e hoje os negros do Rosário podem dizer que já venceram a demanda. Por causa da celebração da missa dentro da Igreja do Rosário. *Porque a nossa demanda sempre era colocar a nossa a nossa santa missa dentro da igreja.* Então os nossos antepassados, meu pai mesmo lutou muito pra que isso acontecesse e graças a ele nós tivemos esse privilégio e temos até hoje. Tanto é que eu às vezes eu discuto com alguns dos comandantes e por um respeito ou pra impor o respeito dentro de qualquer um reinado, por que... Pra nós não perder essa batalha o qual nós conseguimos vencer, é de conseguir assistir uma missa dentro da igreja. (grifo nosso)<sup>27</sup>

Sr. Antônio Eustáquio e Padre Nilson revelam memórias distintas sobre o mesmo fato. Enquanto o primeiro afirmava o desejo de sempre a celebrarem no interior da igreja, o segundo explicitava que não havia uma proibição dos representantes eclesiásticos para que tal fato ocorresse. Cada um deles posiciona-se de acordo com o seu lugar de fala dentro da sociedade, e assim constroem suas próprias memórias e histórias.

A partir da compreensão de que o congado “voltou”, devemos ter em mente que este retorno não foi harmônico. Muitas barreiras foram enfrentadas pelos congadeiros e, no intuito de transpô-las, eles elaboraram muitas táticas a fim de manterem o festejo, dentre as quais está a criação do palanque que simboliza o altar que lhes foi tirado com a demolição de sua Igreja no ano de 1929<sup>28</sup>.

O palanque ainda hoje presente nos festejos congadeiros tem um importante significado para os *negros do Rosário*. O palanque os remete ao passado, época em que a festa era realizada no interior da Igreja do Rosário. Representa, assim, o altar da antiga igreja.

<sup>27</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira. Aruanda é Igreja para os congadeiros.

<sup>28</sup> Entrevistas realizadas pela autora com congadeiros entre os anos de 2007 e 2009, nas cidades de Oliveira e Belo Horizonte.

Atualmente quando os capitães de terno vão às casas de reis, rainhas, príncipes e princesas cantam músicas específicas para tirá-los de suas residências e relacionam o palanque, local onde a realeza fica durante a solenidade, ao altar de uma Igreja. Exemplificamos essa situação com a música entoada pela capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, Ester Antonieta, afrodescendente, formada em psicologia, e tem, aproximadamente, 29 anos:

*Nosso tempo de reinado começar, senhor rei, coroa sagrada, oi esse negro eu vou louvar, olha vamos caminhar vamos louvar coroa santa pra ficar lá no altar, aos seus pés eu me ajoelho, pra senhor rei abençoar, esse povo do Rosário que chegou pra louvar, peço pra mamãe do céu sempre nos guiar, a coroa que é sagrada oi sempre, sempre alumiar. O meu Reinado com as coroas, senhor rei, Sá rainha chegou o tempo de louvar no Rosário de Maria, negro tem que caminhar, sua mão agora eu peço senhor rei para me acompanhar. (grifo nosso)*<sup>29</sup>.

É na década de 1990 que a missa congadeira passou a ser realizada continuamente no interior das igrejas da cidade. E é também nesse momento que as comunidades passaram a realizar novos ritos, contendo na celebração suas próprias músicas, instrumentos e danças, o que ficou caracterizado como Missa Conga (FERREIRA, 1995). Para a capitã Pedrina, a história da Missa Conga aconteceu em função das novas medidas implantadas durante o Concílio Vaticano II<sup>30</sup>:

Agora a missa não tinha os moldes da missa conga que voltou a ser conga foi a partir de noventa e cinco. Aliás, porque antes ela fazia os cantos dos congadeiros, mas ela não fazia o lamento. Eu consegui por na cabeça de fazer o lamento foi em noventa e cinco. E uma das características que fala a missa conga é que tem que ter o lamento do negro na porta da igreja. Mas a missa conga também é assim. A missa foi criada a partir da década de sessenta no Concílio Vaticano II, quando a igreja começou a fazer várias missas, a missa do vaqueiro, missa não sei de que, então tem a missa conga também<sup>31</sup>.

<sup>29</sup> Filmagem realizada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Oliveira no ano 2008. A fala é da capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, Ester Antonieta dos Santos.

<sup>30</sup> O Concílio Vaticano II iniciou-se no ano de 1962, sob a orientação do então papa João XXIII, e tinha como objetivos buscar uma nova atitude da Igreja perante a religiosidade popular, uma aproximação entre Igreja e povo, um maior respeito às suas tradições e uma tentativa dos agentes eclesiais de trabalharem junto com esses segmentos sociais a fim de compreender as suas crenças. O Concílio contou com a participação de bispos do mundo inteiro, inclusive Dom José Medeiros de Leite, da cidade de Oliveira. Sobre o Concílio Vaticano II ver: MAINWARING, 2004.

<sup>31</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

Vale ressaltar que cada comunidade congadeira apropriou-se diferentemente desse novo tipo de missa e ocorrem variações tanto na forma quanto na época em que as irmandades do Rosário passaram a praticá-la<sup>32</sup>.

Mais especificamente a partir do ano de 1995, que os congadeiros começaram a fazer durante a missa uma conexão mais explícita com o seu passado, especificamente com o período escravista, mas a celebração também os ajudaria a lembrar do período em que a festividade era realizada na Igreja do Rosário. E com esse intuito (re) criam o “Lamento Negro”, sob iniciativa da capitã Pedrina. Antes da Missa Conga, com as portas da Igreja fechadas, o terno responsável declama o lamento em nome de todos os congadeiros vivos e mortos. O Lamento nos conta que:

Eu vou contar-lhes uma história, peço preste atenção  
É uma história muito antiga do tempo da escravidão.  
Foi no dia treze de maio a assembléia trabalhou  
Olha negro era cativo e a princesa libertou.  
Olha negro era cativo e agora virou senhor  
Foi no tempo da escravidão era branco que mandava  
Quando branco ia pra missa, oi era negro que levava  
Quando branco ia pra missa, oi era negro que levava  
Branco entrava pra igreja e negro cá fora ficava  
Branco entrava pra igreja e negro cá fora ficava  
E se negro reclamasse, de chiquirá ele apanhava  
E se negro reclamasse, de chiquirá ele apanhava  
Negro fazia as orações quando na senzala ele chegava  
Ele fazia as orações e pra Zambi ele entregava  
Que dó, que dó, Jesus Cristo está no céu, amparando essas almas desses  
negros sofredor<sup>33</sup>.

A narrativa do Lamento Negro possibilita compreender quais os fatos que os congadeiros consideram seu passado, que valores lhe atribuem e a relação que mantêm com esse mesmo passado no presente. O Lamento põe em evidência a história do passado escravista e a força que ainda hoje tem na comunidade congadeira. Além disso, elabora uma comparação com os dias atuais, mesmo que implicitamente, só pelo fato de estarem dentro da Igreja celebrando uma missa. E pode ser interpretada também como uma reivindicação dos participantes da festa para que a missa passe a acontecer na antiga Igreja do Rosário, que é

---

<sup>32</sup> Utilizo o conceito de apropriação a partir das considerações de Roger Chartier que afirma existem formas diferenciadas de interpretação em uma mesma sociedade. O mesmo bem, texto e ideias podem ter usos diferenciados e opostos, e desse modo, nega a possibilidade de localizar sentidos fixos, ou seja, “tudo é recebido, segundo a maneira do recebedor”. (CHARTIER, 1988, 134)

<sup>33</sup> Entrevista realizada pela autora com os capitães do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, Ester Antonieta Santos, Washington Luis Santos de Oliveira e Carlos Tadeu Sabino, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte. Chiquirá significa chicote para os congadeiros.

considerada por eles como o local fundador de sua celebração. Relaciona o passado, presente e projetos de futuro dos *negros do Rosário*.

O contexto da Igreja Católica em finais da década de 1970, aliado ao Concílio Vaticano II da década anterior, conhecido como Teologia da Libertação, pode ser elucidativo para a compreensão da criação do Lamento Negro e da realização da Missa Conga. A Teologia da Libertação tinha como objetivo construir uma sociedade mais justa, onde os próprios oprimidos seriam agenciadores da sua libertação. Entretanto, Roma, nos anos de 1980 e 1990, apontou alguns desvios e abusos nessa proposta como, por exemplo, a Missa dos Quilombos que reconta a história da escravidão negra no Brasil, e que foi proibida. A Teologia da Libertação teve avanços e recuos em sua proposta. Ocorreu uma menor tolerância de determinados grupos da Igreja em relação às manifestações populares. Porém, padres e participantes das expressões culturais já haviam se apropriado à sua maneira dos pressupostos da Teologia (VALENTE, 1994).

É também nesse contexto que os padres negros se organizaram e formaram a Agente de Pastoral Negros. Realizaram diversos encontros onde discutiram as mais variadas questões do negro no Brasil, inclusive a religiosidade afro-brasileira e o papel do negro na Constituinte. Os principais objetivos dessa organização eram:

Unir a população negra dispersa, recuperar as raízes e memória histórica, conscientizar o negro, lutar por um espaço de dignidade para o negro no contexto nacional, lutar por um espaço do negro dentro do cristianismo e pelo direito de se expressar de acordo com aquilo que lhe é próprio, a sua fé, a sua adesão à mensagem de Jesus Cristo (VALENTE, 1994, p. 94).

Os congadeiros se apropriaram dos pressupostos da Teologia da Libertação de acordo com sua história, assim como os padres. Esse novo fazer religioso pode ter contribuído para que os *negros do Rosário* lutassem de maneira mais enfática para entrarem em uma Igreja, para celebrarem a missa a seu modo e conseguirem, assim, a permissão dos representantes eclesiásticos para realizar uma missa no interior da Igreja e dentro do calendário do Congado. Deve-se considerar, entretanto, que esses novos fazeres religiosos- celebrar a missa no interior da igreja, a Missa Conga, o Lamento Negro-, provavelmente, apresentaram resistência de alguns representantes eclesiásticos oliveirenses. Certamente, foi necessário negociar e nesse processo alguns limites foram impostos aos congadeiros.

Os *negros do Rosário* têm o desejo de sempre realizar a missa na antiga Igreja do Rosário que foi demolida no ano de 1929. Mas até hoje encontram empecilhos impostos pelo padre Guido, responsável pela mesma. Heloisa Helena, afrodescendente, professora e Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira (ACOL), afirma que lá aconteceu

poucas vezes, mas mesmo assim o pároco citado pediu aos congadeiros que não tocassem bruscamente seus instrumentos, as caixas, alegando que tanto barulho poderia abalar a estrutura da Igreja, como é expresso abaixo.

Infelizmente nós estamos mudando sempre porque, na verdade, nós gostaríamos de fazer onde nós consideramos onde é a Igreja do Rosário, pra nós o importante é o que tá ali, é o alicerce, né? *E a Igreja Nova seria pra nós o símbolo disso. Eu acho que na festa que ora hoje nós continuamos é ali que tudo começou, recomeçou, o importante seria que fosse ali. Mas infelizmente a gente ainda não tem essa abertura pra Igreja: ah a Igreja não tem estrutura pra aguentar o toque das caixas, então podemos adentrar a Igreja, mas pra nos comportar como se fosse uma missa comum. O que diferencia ela de uma missa comum, os cânticos são de uma missa conga, são de congadeiros, por exemplo, o Pai Nosso é cantado e acompanhado pelas caixas e instrumentos dos congadeiros. Então não é nada de orgia, só que ela é muito emocionante a missa, ela é mais extensa. Cerca de mais ou menos duas horas porque ela é uma missa toda cantada. (grifo nosso)*<sup>34</sup>.

A conflituosa relação entre os representantes eclesiásticos da cidade de Oliveira e os participantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário foram evidenciadas através das diversas proibições diocesanas à realização da festa, da análise das matérias do jornal local que atribuem características negativas e pejorativas a festividade e aos seus participantes e também pela dificuldade dos congadeiros em celebrar a missa no interior da igreja.

Entretanto esse conflito perpassa também os pesquisadores que se interessam pelo tema, marcados pelo complicado acesso aos padres e a difícil transposição das portas dos arquivos da Igreja. O que indica, a meu ver, o desejo de que os conflitos não se tornem públicos. Durante a pesquisa em Oliveira foi extremamente complicada a disponibilidade dos padres para conceder entrevistas sobre o Congado. O padre Guido me concedeu uma entrevista no ano de 2007 (quando ainda fazia a pesquisa para a monografia de conclusão de curso da graduação), mas colocou restrições na utilização da mesma. Além dele, entrevistei o padre Nilson e o bispo da cidade, Dom Miguel. Porém outros padres que procurei não quiseram falar, alegando que nada sabiam sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário. Programei também pesquisar nos arquivos da Cúria de Oliveira, mas, de forma bastante sutil, o acesso me foi negado. O bispo, Dom Miguel, alegou que ele já havia olhado a documentação e nada havia sobre a relação entre a Igreja Católica e o Congado. Sobre essa última questão é relevante destacar que na entrevista por mim realizada com Padre Nilson

---

<sup>34</sup>Entrevista realizada pela autora com a Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Heloísa Helena Maurício, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

perguntei se a festa era pauta nas reuniões da arquidiocese e o mesmo afirmou que sim. Então certamente estaria nas atas de reuniões que não me foi possível investigar.

Os congadeiros acreditam que o espaço da antiga Igreja do Rosário lhes foi “roubado”<sup>35</sup>. Para eles é um lugar sagrado que simboliza as histórias de seus antepassados que viveram durante a escravidão. Há algum tempo foi construída uma nova Igreja do Rosário, mas segundo Pedrina, essa foi uma tentativa de deslocar os *negros do Rosário* do centro da cidade de Oliveira, já que a antiga Igreja se situa neste local e é onde a festa atualmente acontece.<sup>36</sup> A destruição da antiga igreja do Rosário não ocasionou somente a perda dos congadeiros de um lugar para a realização de sua missa, mas acarretou também na saída da festa do centro da cidade. A partir de então ela passaria a acontecer na periferia de Oliveira.

Logo após a “volta” do congado em 1950 a festividade foi celebrada na casa da Sinhá Saffi, os congadeiros não foram dançar para os seus santos de devoção nas ruas de Oliveira, como acontecia antes da paralisação. Somente alguns anos depois conquistaram novamente as ruas, mas o festejo era celebrado em um lugar periférico da cidade, na Praça Manoelita Chagas. Era ali que os congadeiros montavam seu palanque para receber seus reis, rainhas e reverenciar seus santos de devoção<sup>37</sup>.

A mordoma<sup>38</sup> da bandeira do Reinado de Nossa Senhora das Mercês, Maria Luisa Pereira, professora de escolas da rede pública e particular da cidade, afirma que houve uma proibição de representantes da cidade letrada para que a festa acontecesse na Praça XV de Novembro:

Então é e tinha um vigário aqui que ele se chamava Monsenhor Leão e ele era muito forte na cidade. A igreja em Oliveira sempre teve muito poder. Como tem até hoje, é bispado, não é? Então é eu não sei te falar o porquê, mas começou a desvincular a festa do Congo da Igreja. Então os congadeiros não poderiam mais entrar e dançar com os tambores. (...) E o prefeito na época ele era aliado ao partido do vigário, então o que foi feito? Então ele ao unir ele tira a festa da praça. Então a festa iria para lá (na Praça Manoelita Chagas, perto da estação de trem) porque dali ela ia pra mais longe dali ela ia para o bairro, mas aí houve o corte no centrinho da cidade em frente à matriz. (...) <sup>39</sup>.

<sup>35</sup> Utilizo a palavra roubado entre aspas, pois é uma expressão utilizada frequentemente pela capitã Pedrina.

<sup>36</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>37</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>38</sup> A mordoma é a pessoa que guarda a bandeira de um santo homenageado da festividade durante o ano.

<sup>39</sup> Entrevista realizada pela autora com a mordoma do Reinado de Nossa Senhora das Mercês, Maria Luisa Pereira, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

O depoimento da mordoma sugere para existência de uma proibição formal para que a festa acontecesse no centro da cidade. Ressalto que o foco principal dessa pesquisa não foi o de investigar nas atas da Câmara Municipal de Oliveira a fim de verificar se havia um impedimento por parte da cidade letrada para a realização da Festa de Nossa Senhora do Rosário na Praça XV de Novembro. Assim não posso afirmar se esta existiu. O importante é perceber como esse fato é lembrado nas memórias dos participantes da festa. Os congadeiros se apropriam dessa memória da proibição para ratificar no presente as lutas atuais e as do passado.

É válido ainda destacar que não há como precisar a data exata em que a missa deixa de ser campal e passa a ser celebrada no interior da Igreja e nem a data da mudança de local da realização da festa, da periferia para o centro. Os congadeiros não as registraram. Sabem apenas que a ida para a Praça XV de Novembro ocorreu muito antes da missa ser celebrada no interior da Igreja<sup>40</sup>. A história dos *negros do Rosário* passa fundamentalmente pela tradição oral, transmitida ao longo dos anos por conversas entre pais e filhos. Somente na década de 1970 é que a Diretoria da Festa de Nossa Senhora do Rosário é constituída e começa a preocupar-se com os registros escritos, através das atas de suas reuniões. Mesmo assim, observa-se que a atenção é direcionada muito mais para as decisões tomadas quanto ao ritual do que para o registro de quando um evento ocorreu ou não<sup>41</sup>.

O cruzamento das fontes orais e escritas afere a década de 1960, mais especificamente entre os anos de 1962 e 1964, como a que os congadeiros saíram da periferia e foram para o centro da cidade. Múcio Lo Bueno, um antigo morador de Oliveira, relatou o momento desse evento, bastante marcante para ele, que era um participante ativo e representou o rei. Segundo ele, em 1961 a celebração congadeira foi realizada na Praça Manolita Chagas, coincidindo com o as comemorações do centenário da cidade, e um ano depois passou para a Praça XV de Novembro<sup>42</sup>.

Uma matéria publicada pelo jornal local, *Gazeta de Minas*, em 19 de setembro de 1964, afirma que a Festa do Congo foi realizada na Praça XV de Novembro como nota-se abaixo:

Realizou-se como nos anos anteriores, a Festa do Congo, com as mesmas características do passado, *misto de crença e civismo. A festa que agita a*

---

<sup>40</sup> Entrevistas realizadas pela autora com os congadeiros entre os anos de 2007 e 2009, nas cidades de Oliveira e Belo Horizonte.

<sup>41</sup> Foram analisadas as Atas da Associação dos Congadeiros de Oliveira (ACOL) entre as décadas de 1970 e 2002.

<sup>42</sup> Entrevista realizada pela autora com Múcio Lo Bueno, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira. Múcio representou um rei que é coroado em um ano e descoroado no ano seguinte. O “aqui” na fala de Múcio refere-se a Praça XV de Novembro.

*cidade, trazendo uma multidão enorme à Praça 15 onde é erguido anualmente o palanque, teve seu desenrolar tranqüilo e sereno, devido ao trabalho eficiente do capitão – mor, Geraldo Bispo dos Santos; capitão-regente, João Francisco Dias, fiscais, Geraldo Alexandre da Mata e Geraldo Orozimbo, tesoureiro, Antônio Salgado Ribeiro, narrador José Maria de Oliveira Segundo e capitães de ternos. (GAZETA de Minas, 19 set. 1964, p.1, grifo nosso)<sup>43</sup>.*

A Festa de Nossa Senhora do Rosário na Praça XV de Novembro tem um significado especial para seus participantes. A Praça situa-se próxima da antiga Igreja do Rosário onde, em tempos anteriores, a festa acontecia. Os *negros do Rosário* voltaram para seu espaço de origem! Além desse fato, a praça está no centro comercial da cidade, ao seu redor moram pessoas influentes e economicamente favorecidas e é lá que também se realizam os grandes eventos e comemorações de Oliveira. A matéria acima, expressa que o Congado não é visto como bárbaro e horripilante, como foi evidenciado notadamente nos artigos publicados no jornal no período entre os anos de 1900 a 1964. Para ir para a Praça XV de Novembro novas características foram atribuídas à festividade: o civismo agora é presente.

As discussões tecidas até o momento tiveram como objetivo evidenciar os conflitos, negociações e resistências existentes entre os congadeiros e os representantes da cidade letrada no que se refere a celebração da missa no interior da igreja e da realização da festividade na Praça XV de Novembro. Nota-se particularmente que essas relações são tensas e que ela é marcada por avanços e recuos.

Sobre esses dois aspectos pode-se notar que o período compreendido entre as décadas de 1910 e 1960 foi de maior repressão ao Congado e aos seus participantes. As matérias publicadas no jornal local demonstram uma continuidade de perspectiva e podem ser evidenciadas através da constância de menções que abordam as proibições diocesanas, caracterizam o Congado como “um bárbaro e horripilante ritual” (GAZETA de Minas, 20 out. 1918) ou então recomendavam aos integrantes a necessidade de levar uma vida cristã (GAZETA de Minas, 19 set. 1964, p.1). Em ambas as situações deve-se considerar que apesar desse posicionamento preconceituoso e negativo, o jornal local estabeleceu um diálogo com os “de baixo”, mas também demonstrou que existiam limites para a inclusão desses agentes nas páginas do jornal e na sociedade oliveirense. Os integrantes da festa ao lutarem para que o Congado fosse realizado precisaram negociar com as autoridades locais e que estes impuseram limites as reivindicações dos congadeiros, o que também evidencia que havia comunicação entre os diferentes segmentos sociais. Entretanto, nesse momento existiram

---

<sup>43</sup>Ressalto que parte dessa matéria já foi transcrita nesse artigo no momento em que foi analisada a celebração da missa e da festa que ocorrera na Praça XV de Novembro.

vozes discordantes como a matéria publicada no ano de 1945 que considerava a festa alegre e parte da tradição mineira (GAZETA de Minas, 16 set. 1945, p.2), demonstrando assim que existiam avanços e recuos nesse relacionamento.

Já a partir do ano de 1964 as reportagens indicam uma modificação no seu posicionamento: o Congado passou a fazer parte do civismo da cidade e teve seu “desenrolar tranquilo e sereno” (GAZETA de Minas, 19 set. 1964, p.1). E a partir das fontes orais e escritas percebe-se que é nesse período que os congadeiros conseguiram colocar a sua festividade na Praça XV de Novembro e realizar a missa no interior das igrejas da cidade, o que resultou em uma maior tolerância à festividade. Entretanto, ainda encontram resistências do padre Guido em celebrar a missa na antiga Igreja do Rosário. E também são vítimas de preconceito racial, como iremos analisar. Nota-se que agrupar a perspectiva da cidade letrada em relação a festa e aos congadeiros em dois momentos- 1910 a 1964 e 1964 a 2009, não tem o intuito de reconstruir a história do Congado de forma linear. Essa perspectiva foi adotada por compreender que nesses períodos existem posicionamentos semelhantes, embora se perceba claramente que existem descontinuidades.

Festejar em um lugar da cidade considerado nobre e celebrar a missa no interior de uma igreja foram algumas das lutas políticas vivenciadas pelos *negros do Rosário* ao longo de sua história. Porém, não são somente estas as enfrentadas pelos participantes da festa. A capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês Pedrina atribui especial significado para a celebração da festa em plena Praça XV de Novembro e afirma que: “O adentrar a praça tem um significado de o negro ser vitorioso dentro da sociedade opressora”<sup>44</sup>. Deve-se considerar que a grande maioria dos congadeiros são negros e moradores do bairro do Alto do São Sebastião, lugar extremamente pobre e com muitos poucos recursos, e que no seu cotidiano raro frequentam a Praça XV de Novembro e seus arredores. Estar na referida praça é para eles uma vitória, pois foram e ainda são marginalizados na sociedade oliveirense.

A narrativa de Pedrina conecta as lutas congadeiras às desigualdades sociais e ao preconceito racial existente na sociedade brasileira. Como já foi afirmado, a festa é um local de conflito, e uma que é praticada, principalmente, por afrodescendentes, os embates relativos a discriminação racial dificilmente deixariam de manifestar-se.

O capitão Antônio Eustáquio relata que quando frequentava a escola tinha apelidos como saci, tição, urubu e carvão por causa da cor da sua pele. Recentemente, adquiriu um ponto de taxi localizado na Praça XV de Novembro e seus colegas de trabalho não entendem

---

<sup>44</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Belo Horizonte.

como um afrodescendente o conseguiu e até mesmo trocar de carro. Narra que, em tempos anteriores, um clube da cidade - Oliveira Clube -, que ainda existe, negros não podiam entrar e nem passar em sua calçada:

Nós tínhamos, aqui no município de Oliveira, nós tínhamos um clube aqui que ele continua até hoje com o mesmo nome Oliveira Clube nós negro não podia passar nem no passeio, nem na calçada, nós tínhamos que passar do lado do Banco Real. Exatamente, então a gente tem muito o que agradecer porque hoje quantas vezes eu, negro que sou muito orgulhoso, quantas vezes eu não fui convidado pra fazer palestra dentro do Oliveira Clube. A minha irmã Pedrina, ela comanda um Fórum quando é, no município de Oliveira, das regiões, que tem a parte do Congado a minha irmã Pedrina é convidada é uma vitória<sup>45</sup>.

O Brasil não teve um processo segregacional institucionalizado, como nos Estados Unidos, mas no episódio relatado por Sr. Antônio percebe-se que ele acontecia em Oliveira e ainda acontece, mas de uma maneira velada. Entretanto, nesse mesmo período em que afrodescendentes não podiam entrar no clube, Pedrina se recorda de lá ter participado de uma apresentação do Congado, o que indica que a festividade pode ser um caminho para a luta contra a discriminação racial. A festa ao ser valorizada faz com que os congadeiros frequentem o clube e participem de eventos ligados a sua devoção<sup>46</sup>.

Na década de 1980 a *Gazeta de Minas* modifica o teor das suas reportagens, ressalta-se que o ano de 1988 é emblemático. No mês de maio deste ano, o jornal tem um número dedicado, praticamente todo, às comemorações do centenário da abolição da escravatura e à condição social dos negros cem anos depois. O artigo intitulado *O Desalmado* afirma que o Congado é fruto da resistência dos negros e que os brancos não valorizam essa manifestação cultural, originário do preconceito racial:

É aí que o conflito tão escamoteado pela história, inevitavelmente vem à tona, quando os protagonistas do espetáculo em esmagadora maioria composta por negros descem os morros (...) onde uma legião incontestável de brancos a tudo assiste. (GAZETA de Minas, 15 maio 1988, p.2).

É possível que as lutas dos anos anteriores enfrentadas pelos congadeiros tenham influenciado a forma do jornal local noticiar as suas reportagens. É provável também que essa mudança esteja conectada ao contexto político da época; momento em que houve uma

<sup>45</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>46</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Belo Horizonte.

presença significativa na sociedade brasileira do Movimento Negro Unificado. Este movimento surgiu no final da década de 1970 e tinha como objetivos principais denunciar o mito da democracia racial e integrar o negro na sociedade. Essa pauta do movimento deve ser pensada, segundo Guimarães, como resultado de experiências anteriores da contestação negra e também da influência dos movimentos de libertação africanas e direitos civis dos negros nos Estados Unidos na mesma década e na anterior (GUIMARÃES, 2002).

No século XXI, o jornal local continua a utilizar-se do Congado para denunciar o mito da democracia racial e o segregacionismo dos participantes da festa. Perspectiva esta presente no editorial do jornal de 16 de setembro de 2001 intitulado *O Grito* e este afirma que:

Os brancos da classe média e alta de Oliveira não tratam a festa do congado com a devida atenção. Ao contrário convivem com ela de forma segregacionista mantendo as distâncias devidas, numa nítida, mas socialmente negada forma de racismo. (GAZETA de Minas, 16 set. 2001, p.92).

Nota-se a partir das reportagens citadas acima que a *Gazeta de Minas* passou a noticiar a conflituosa relação entre os diferentes agentes sociais- brancos e negros, em sua própria denominação. O intuito do jornal é demonstrar a distância, por ele percebida, entre eles na comunidade oliveirense; distância esta também propiciada pelo espaço físico da cidade, como se observou anteriormente. Ressalto que as matérias do jornal apresentam uma relação estanque entre os referidos sujeitos, sem modificações ao longo do tempo, e, historicamente, sabe-se que as relações raciais são mais complexas. Ainda que o jornal não problematize essa questão, deve-se demarcar, fundamentalmente, seu caráter político e contestatório a situações que são vivenciadas pelos negros e congadeiros.

No ano de 2006, o capitão- mor da Associação de Congadeiros de Oliveira, Geraldo Bispo dos Santos Neto, que tem aproximadamente 45 anos, é policial, afrodescendente, e morador de Oliveira foi vítima de racismo por parte do então prefeito Ronaldo Resende, e a *Gazeta de Minas* noticiou em suas páginas esse episódio.

Segundo o jornal local, Geraldo Bispo dos Santos Neto registrou um Boletim de Ocorrência Policial e nele relatou como sofreu as agressões: ele estava com parentes e amigos quando recebeu a ligação do prefeito. De acordo com o jornal as palavras do prefeito para Geraldo foram:

Você é um *safado*, sem vergonha, ladrão; nego safado, você está querendo extorquir dinheiro da Prefeitura, mas não vou dar dinheiro para congadeiro nenhum. Você é safado, sem vergonha, negro safado, ladrão, vagabundo. Você tem sorte por eu não estar em Oliveira, pois se estivesse lhe daria dois tiros na cara. Negro safado arrume as suas malas que vou transferi-lo de

Oliveira. Você vai conhecer quem é Ronaldo Resende. (GAZETA de Minas, 27 ago. 2006, p.4, grifo nosso).

Para o então prefeito, Ronaldo Resende, o conflito aconteceu porque os congadeiros desejavam auxílio financeiro para realização dos festejos. Ele se propôs a ajudar dando efetivamente a alimentação, mas eles preferiam o dinheiro em espécie e não de outra natureza<sup>47</sup>. Entretanto, a divergência na forma de contribuir para a festa do Congado não deveria ser motivo para o prefeito utilizar-se de palavras com forte teor preconceituoso e agressivas, além de ameaçar o capitão-mor. Segundo o mesmo número da *Gazeta de Minas*, citado acima, o prefeito foi procurado e declarou:

Eu errei, sei que tenho a minha parcela de culpa, mas tenho também meu caráter para pedir desculpas. Eu não queria ofender ninguém. *Ele é meu amigo, temos liberdade um com outro*. O melhor é colocar uma pedra em cima disso. Oliveira vai ganhar muito mais, tenham certeza disso. Peço a todos que me perdoem. Meu maior objetivo era ter zelo com o dinheiro público, como fizemos no ano passado. (...) Vou participar dos projetos do Congado, minha empresa vai participar, nosso objetivo é ajudar. Vamos deixar a política de lado e nos preocupar com a festa de Nossa Senhora do Rosário. (GAZETA de Minas, 27 ago. 2006, p.4, grifo nosso).

Na justificativa apresentada pelo prefeito, como vemos acima, ele alega preocupação com o dinheiro público. É interessante notar também como o prefeito naturaliza o preconceito.

A luta contra o preconceito racial e as desigualdades sociais se concretiza através de diferentes frentes de ação. Uma delas é através das músicas/pontos entoados pelos congadeiros durante os dias de festejo. Para Gilroy, uma fundamental referência nos estudos do *Atlântico Negro*, a escravidão ainda inscreve-se na memória dos descendentes de escravos e a música é um dos principais canais para investigar “como os traços residuais da sua expressão necessariamente dolorosa ainda contribuem para as memórias, histórias inscritas e incorporadas no cerne volátil da criação cultural afro-atlântica” (GILROY, 2001, p115). Nesse sentido, a música é um caminho através do qual os descendentes de escravos comunicam-se e expressam-se politicamente, sobre a memória escrava e o terror racial.

A capitã Pedrina utiliza-se desse recurso. No ano 1988, comemoração do centenário da abolição da escravatura, ela escreveu uma música que atrela o tempo do cativo com as condições de vida do afro-brasileiro na atualidade. Dessa forma mostra seu engajamento na luta contra o preconceito racial e por melhores condições de vida para o negro e congadeiro. A letra nos conta que:

---

<sup>47</sup> Entrevista realizada pela autora com Ronaldo Resende Ribeiro, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

Olha eu vim de Angola/ eu vim aqui curimar (trabalhar)/ ah! Eu vim do Kalunga (mar)/eu vim aqui trabucar (trabalhar)/ No tempo do cativo/ vida de negro era só trabucar/ trabucava o dia inteiro e ainda/ ganhava era o chiquirá (chicote)/ ora, viva liberdade/ cativo já acabou/ mas ainda nos falta igualdade/ de negro para senhor/ cem anos de abolição/ não pude comemorar/ cadê a libertação/ que a lei Áurea ficou de me dar/ Zumbi foi um grande chefe/ no Quilombo dos Palmares/ sua luta não acabou/ ela ecoa pelos ares/ o Quilombo dos Palmares já foi ponto de união/ a união faz a força/ prá qualquer libertação<sup>48</sup>.

A música escrita por Pedrina é sintomática da situação social do afrodescendente na sociedade brasileira, marcada ainda hoje pelo preconceito racial. Pedrina é uma importante liderança do Congado oliveirense e a partir de suas experiências pessoais e políticas incumbiu-se o dever de conscientizar seus dançadores da necessidade de que eles conheçam sua história- da África, do tráfico, do cativo e da abolição- para que assim possam lutar por melhores condições de vida e também orgulharem-se de serem negro. Pedrina afirma que: “Quem não sabe de onde está vindo, não conhece sua história, seu passado, não há de criar caminhos, não há de saber por onde andar tem que estar sabendo por onde anda, que destino quer”<sup>49</sup>.

Os *negros do Rosário* ao longo de muitos anos conseguiram vitórias como, por exemplo, a ida para a Praça XV de Novembro e celebrar a missa no interior de uma igreja. Mas ainda existem muitas outras para serem conquistadas, como maior reconhecimento e respeito da população à sua cultura e à forma de expressar a sua devoção. A análise sobre o Congado de Oliveira permite encontrar evidências que os participantes e as autoridades disputam valores e que nesse embate a festividade é um importante meio para a luta contra a discriminação racial. O Congado é parte integrante do movimento negro, é através do cultural que se concretiza a luta política congadeira.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. *O Império do Divino*. Festas Religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

<sup>48</sup> Pedrina de Lourdes Santos, capitã do terno de Nossa Senhora das Mercês. Abá Cuna Zambí Palaoso, CD – Os negros do Rosário, Lapa Discos.

<sup>49</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Viana. Música popular e história, 1890-1920. In: LOPES, Antonio Herculano; ABREU, Martha; ULHÔA, Martha Tupinambá; VELLOSO, Monica Pimenta. *Música e história no longo século XIX*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011.

BORGES, Célia Aparecida Resende Maia. *Devoção branca de homens negros: As Irmandades do Rosário em Minas Gerais no século XVIII*. Tese. Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, 1998.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1988.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Introdução. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). *Carnavais e outras F(r)estas*. Ensaios de História Social da Cultura. Campinas: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002.

DANTAS, Carolina Vianna. Cultura histórica, República e o lugar dos descendentes de africanos na nação. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Mauro Eustáquio. Missa Conga comemorou a libertação dos escravos. *Boletim da Comissão Mineira de Folclore*, n. 16, agosto, Belo Horizonte, 1995.

FONSECA, Gonzaga L. *História de Oliveira*. Belo Horizonte: Editora Bernardo Alves, 1961.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: UCAM/Editora 34, 2001.

GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo/ Ed 34, 2002.

KIDDY, Elizabeth. *Blacks of de Rosary: Memory and History in Minas Gerais*. The Pennsylvania State University, 2007.

\_\_\_\_\_. Progresso e religiosidade: Irmandades do Rosário em Minas Gerais, 1889 - 1960. *Revista Tempo*, n.12.

MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1919-1985)*. São Paulo, Brasiliense, 2004.

PIRES, Fernanda. *Os negros do Rosário: Memórias, Identidades e Tradições no Congado de Oliveira (1950-2009)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, 2010.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias: Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

VALENTE, Ana Lúcia Farah. *O negro e a Igreja Católica. O Espaço concedido, um espaço reivindicado*. Campo Grande: CECITE/UFMS, 1994.